

COMO AS IMAGENS DOS LIVROS DIDÁTICOS AJUDAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Marcelo dos Santos Dias (1); Larissa Furtado Lins dos Santos (2); Rhaissa Francisca Tavares de Melo (3)

(1) Universidade Federal de Pernambuco, marcelosantosdias09@gmail.com

(2) Universidade Federal de Pernambuco, larissa.furtadols@hotmail.com

(3) Universidade Federal de Pernambuco, rhaissatavares@hotmail.com

Como as crianças e adolescentes veem o mundo em que vivem? Sua cidade, seu bairro e seu entorno? Como podemos aproximar eles da sua realidade utilizando tecnologia e linguagem visual? Vivemos uma transformação na educação, tal mudança foi proporcionada graças à tecnologia de forma geral, esse fato torna-se fácil de ser percebido ao analisarmos como as informações fluem com tamanha rapidez. Vivemos em um mundo globalizado, na era técnica-científica-informacional, na qual os espaços são diminuídos pelo tempo.

O trabalho surgiu de uma inquietação durante um período de estágio em uma escola pública e, ao foliar o livro didático, foi possível perceber que não há nenhuma relação do Brasil com o Semiárido e como os professores de Geografia das imagens existentes nos Livro Didático como forma de facilitador do aprendizado dos alunos nos assuntos relacionados ao Semiárido. O objetivo da pesquisa é analisar a forma como as imagens dos livros didáticos abordam o semiárido. Para isso serão analisados três livros de mesmo nível e investigar se há alguma relação com o Brasil ou se é apenas superficial.

Este trabalho por sua vez, deve ter utilidade para o pesquisador, o pesquisado e a sociedade propriamente dita, fazendo com que não fique restrito somente ao ambiente acadêmico.

Na elaboração deste artigo buscou-se fundamentar a importância e a forma como as imagens (fotografias, gráficos, climogramas, mapas) referentes ao Semiárido são abordadas nos três livros didáticos “Geografia Contextos E Redes”, “Geografia: Leituras e Interação” e “Geografia: Ensino Médio”. Todos os livros são do mesmo nível de ensino (1ºano).

O método hipotético-dedutivo, proposto por Karl Popper busca a eliminação dos erros de uma hipótese, testando assim a falsidade daquilo que foi

proposto, partindo de uma expectativa, apresentando uma problemática, ponderação das informações e assim comprovando a falsidade de tal hipótese.

A história da Geografia nos é repassada através de documentos, relatos de viagens, observações, expedições, mapas. Mas é na antiguidade que nasce a curiosidade pela Geografia. Ao tomar posse do espaço o homem dá início a relação que é indispensável para sua sobrevivência: A relação do homem com a natureza.

A Geografia se apresenta como ciência de importância fundamental para o cotidiano, pois tem como um de seus objetivos – talvez até o principal – a análise do espaço, assim como toda a dinâmica e interação que ocorre nele.

As imagens acompanham a humanidade desde o seus princípios remotos e segue sua evolução fazendo com que esteja presente nas formas de comunicação.

Monbeig (1945) foi um dos pioneiros em utilizar a fotografia como parte do ensino da Geografia:

"[...] a Geografia é a arte de saber ver: saber ver uma paisagem, saber ver um mapa, uma fotografia. Esse estudo analítico das paisagens ou de suas reproduções, que é feito por uma leitura atenciosa e precisa, constitui um excelente exercício de observação [...]". (MONBEIG, P. 1945, p.167).

Pierre Monbeig (1957) aponta uma das grandes importâncias do ensino da Geografia é aquela que o aluno carrega, como por exemplo senso de realidade e sentimento de evolução. Também deixa claro que tais aspectos "não são apenas aquisição da inteligência, mas poderosos auxiliares que positivam as qualidades morais [...]" (MONBEIG, P. 1957, p.12).

Meyer (2001) concluiu através de investigações, análises e pesquisas que os alunos podem aprender de forma mais profunda a partir de mensagens compostas por palavras e imagens, do que a partir de vários modos tradicionais de comunicação que envolva apenas palavras, que também possui seu valor, sendo até, em muitos casos, extremamente necessário.

O livro didático está presente nas escolas como um dos principais instrumentos pedagógicos e é utilizado em todas as fases do ensino, apesar de usar uma série de conhecimentos básicos das disciplinas estudadas, em muitas escolas o livro é um dos únicos – se não o único - instrumentos que os docentes possuem a serviço da ministração das aulas. Segundo Rangel (2005, p.13) o Livro Didático de Geografia precisa

levar em consideração e respeitar as noções prévias dos usuários, e ainda dispor de elementos que desenvolvam o conhecimento.

A fotografia aparece como um importante instrumento de auxílio no ensino da Geografia, até como utilização de fonte histórica, pois pode ajudar a ver a paisagem de uma outra maneira e ajudar o aluno a ver o mundo além da sala de aula.

Vale destacar a importância da fotografia em ambiente escolar, principalmente dentro da Geografia como forma de melhor entendimento do mundo por deixar em "evidência" os assuntos mediados pelo professor. O uso das imagens geográficas na sala de aula deve ir além de apenas um recurso, deve ser pensado como pode apoiar o desenvolvimento do aluno.

As imagens também podem ajudar a melhor compreensão de alguns conceitos geográficos, assim como problematizar os conteúdos, evitando apenas como ilustração do que foi passado pelo professor. A fotografia deve ser usada como agregador de conhecimento, não como resumo da aula.

A paisagem carrega uma grande gama de significados para diferentes momentos e diferentes olhares, partindo para uma dimensão simbólica passível de leituras espaços-temporais. Para geógrafos e não geógrafos, a paisagem é um dos temas mais expostos a diversos olhares.

A palavra paisagem tem seu uso frequente e que, aparenta dispensar definições. Uma paisagem é o resultado de acontecimentos sobre um determinado espaço. Uma paisagem se transforma em um patrimônio no momento em que ela é singular, ou seja, quando suas qualidades são únicas.

SAUER (1998) considera que região e área são, em certo sentido, termos equivalentes a paisagem. O conteúdo cultural da paisagem, para este autor, é a marca da existência humana em uma área. Em outras palavras, a cultura seria o elemento que, agindo sobre o meio natural, resulta na paisagem cultural.

O clima é determinado pela circulação geral da atmosfera. Alguns Padrões de circulação atmosféricos redistribuem calor e umidade por todo o globo. Do ponto de vista climático, a região Nordeste do Brasil é considerada semiárida por apresentar substanciais variações temporal e espacial da precipitação pluviométrica, e elevadas temperaturas ao longo do ano (Azevedo, P. V. et al., 1998).

Em geral, segundo Uvo e Berndtsson (1996), quatro mecanismos governam o regime de chuva da região:

- 1) Eventos El Niño-Oscilação Sul (ENOS);
- 2) Temperatura da superfície do mar (TSM) na bacia do oceano Atlântico, Ventos Alísios, Pressão ao Nível do Mar (PNM);
- 3) Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) sobre o oceano Atlântico;
- 4) Frentes Frias;
- 5) Vórtices Ciclônicos de Altos Níveis (VCAN).

De acordo com Marengo (2006), o Semiárido brasileiro sempre foi acometido de grandes eventos extremos de secas, contudo, não é rara a ocorrência de grandes enchentes. Pois os solos não absorvem a água totalmente. Esses eventos estão diretamente associados à produção agropecuária, sendo os principais responsáveis pelo sucesso, ou não, dessa importante atividade na região.

O Semiárido ocupa uma área de 969.589 km² (IBGE) e inclui os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, a maior parte da Paraíba e Pernambuco, Sudeste do Piauí, Oeste de Alagoas e Sergipe, região central da Bahia e uma faixa que se estende em Minas Gerais, seguindo o Rio São Francisco, junto ao rio Jequitinhonha (BRASIL, 2005), e é definida pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE pela Lei 7.827, de 27 de setembro de 1989, sendo estabelecida inicialmente de acordo com os valores de precipitação média anual. Áreas que possuem um valor médio de precipitação igual ou inferior a 800 mm estavam inseridas no semiárido.

A Região Semiárida do Nordeste do Brasil tem como fator de destaque o clima, ele é responsável pela variação dos outros elementos que compõem as suas paisagens. A vegetação já está adaptada ao clima, assim como os processos de e os processos de formação do relevo, com predomínio de um processo e seus solos são pouco desenvolvidos pela falta de chuva.

A partir desta nova classificação, a área definida do semiárido brasileiro teve um acréscimo de 8,66%, tendo um aumento de 892.309 km² para 982.563 km², abrangendo um total de 2.429 municípios.

Livro: Geografia: Contextos e Redes/ Angela Corrêa da Silva, Nelson Bacic Olic, Ruy Lozano. – 1. Ed. – São Paulo : Moderna, 2013.

O Capítulo 7 do livro é destinado a Clima, vegetação e hidrografia e está composta por imagens diversas, sejam computação gráfica, desenhos, mapas, fotos, climogramas e gráficos. Quando analisamos a forma como o livro traz os tipos de clima percebemos que o livro não aborda os tipos, apenas apresenta um mapa mundi e apontando em quais zonas os tipos de clima atuam.

Apenas no capítulo “As bases físicas do Brasil” (8) temos uma quantidade satisfatória sobre o semiárido brasileiro, contemplando todos os climas do Brasil e massas de ar.

Algo que poderia ser modificado é a distribuição dos conteúdos nos capítulos 7 e 8. Os dois tratam de clima, seja geral ou do Brasil, que poderia ser facilmente incorporados no mesmo capítulo para manter o foco e melhor entendimento da dinâmica climática.

Livro: Geografia: leituras e interpretação; volume 1 / Antônio Luís Joia, Arno Aloísio Goettens. – 1. Ed. – São Paulo: Leya, 2013.

O capítulo 8 do livro – Características dos tipos de clima - aborda de forma ampla o clima, trazendo diversas imagens de satélite, fotos, gráficos, mapas, climogramas, além de uma base textual condizente com o nível escolar. O livro traz o clima em escala mundial e escala nacional e as imagens estão de exata importância para tal entendimento. Os climogramas estão nos lugares exatos, trazendo informações de lugares diferente que possuem o mesmo clima, por exemplo ele usa Misurata (Líbia) e Juazeiro (BA) para retratar o Semiárido.

Livro: Ser Protagonista: Geografia1 1º ano: ensino médio/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM; editor responsável Gábio Bonna Moreirão – 2. Ed. – São Paulo: Edições SM, 2013 – (Coleção ser protagonista; 1).

O livro não traz o mesmo conteúdo que os outros. O livro, de forma geral, aborda a questão “humana” da geografia, trazendo a produção do espaço no capitalismo, a dinâmica da natureza, o espaço agrário e a representação do espaço produzido.

Na unidade 2 – A dinâmica da Natureza, os temas abordados não entram no mérito da climatologia, são eles: Estrutura geológica da terra, Relevo, Os solos, Hidrologia e Hidrografia, e apenas no capítulo 7 – Relevo, aborda chuvas como fatores externos e logo após no tópico “Processos de vertentes: erosão e movimento de massa” volta a ser mencionado climas de forma geral.

A Geografia se apresenta como ciência de importância fundamental para o cotidiano, pois tem como um de seus objetivos – talvez até o principal – a análise do espaço, assim como toda a dinâmica e interação que ocorre nele.

Hoje as imagens possuem um papel de grande importância para o estudo da Geografia, pois ajuda na representação geográfica, sejam através de mapas, vídeos, paisagens, imagens de satélite, fotos, Além de um poderoso instrumento didático, a fotografia é algo, quase que, imprescindível para a real compreensão de diversos aspectos da geografia.

Os livros possuem fácil leitura, as imagens estão bem dispostas, em tamanhos ideais para leitura de informações contidas, cores vivas que atraem a curiosidade.

Diante da pesquisa realizada, fica exposto que o aprender é um processo em construção e o livro didático pode contribuir para a aprendizagem. Ele é importante por seu aspecto político e cultural, na medida em que produz valores da sociedade em relação a sua visão de ciência, da história, da interpretação dos fatos e do próprio processo de transmissão do conhecimento.

Referências bibliográficas

- MEYER, S. B. & VERMES, J. S. Relação terapêutica. In: B. Range (Org.), **Psicoterapias cognitivo-comportamentais: Um diálogo com a psiquiatria**. São Paulo: Artmed. 2001;
- MONBEIG, P. **Papel e valor do ensino da Geografia e de sua pesquisa**. IN: Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira, São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1957;
- PEREIRA, J. S. Júnior. **Nova delimitação do semi-árido brasileiro**. 2007